



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRAS DE HOJE

Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language

Letras de hoje Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 1-15, jan.-dez. 2025

e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2025.1.48239>

SEÇÃO ARTIGOS

Escrita íntima, opressão doméstica e feminismo em *La Paix des ruches* (1947) de Alice Rivaz

Intimate Writing, Domestic Oppression, and Feminism in La Paix des ruches (1947) by Alice Rivaz

Escritura íntima, opresión doméstica y feminismo en La Paix des ruches (1947) de Alice Rivaz

Paola Karyne Azevedo

Jochimsen¹

orcid.org/0000-0003-4958-2497

paolakajo@gmail.com

Recebido em: 16 jun. 2025.

Aprovado em: 16 jul. 2025.

Publicado em: 14 nov. 2025.

Resumo: Publicado em 1947, em um contexto suíço marcado pela desigualdade legal entre os sexos e décadas antes da conquista do voto feminino no país, *La Paix des ruches*, de Alice Rivaz, elabora uma narrativa ficcional que antecipa debates fundamentais do pensamento feminista contemporâneo. Frequentemente classificado como diário íntimo, o romance consiste, na verdade, em um fluxo contínuo de reflexões pessoais da protagonista Jeanne Bornand, que concilia o trabalho assalariado com o trabalho doméstico invisibilizado. Este artigo analisa de que modo a escrita íntima revela as tensões entre subjetividade feminina, silenciamento cotidiano e estrutura patriarcal, evidenciando a opressão do casamento tradicional e a sobrecarga emocional imposta às mulheres. A leitura crítica articula os referenciais teóricos de Simone de Beauvoir, em sua formulação sobre imanência e transcendência, e de Silvia Federici, a partir do conceito de "trabalho reprodutivo" como fundamento não reconhecido da economia capitalista. Por meio de uma prosa delicada, Rivaz constrói uma crítica sutil à ordem patriarcal e afirma a sororidade e a escrita como formas de resistência. Ao politizar o cotidiano e dar voz à experiência feminina, *La Paix des ruches* reafirma seu lugar como obra central nos estudos de gênero, literatura e subjetividade.

Palavras-chave: Alice Rivaz; feminismo; escrita íntima; trabalho doméstico; literatura suíça de expressão francesa.

Abstract: Published in 1947, in a Swiss context marked by legal gender inequality and decades before women gained the right to vote, *La Paix des ruches*, by Alice Rivaz, develops a fictional narrative that anticipates fundamental debates in contemporary feminist thought. Often classified as an intimate diary, the novel is, in fact, a continuous flow of personal reflections by the protagonist Jeanne Bornand, who balances wage labor with invisible domestic labor. This article examines how intimate writing reveals the tensions between female subjectivity, everyday silencing, and patriarchal structures, highlighting the oppression of traditional marriage and the emotional overload imposed on women. The critical reading draws on theoretical frameworks by Simone de Beauvoir, particularly her formulation of immanence and transcendence, and Silvia Federici, through the concept of reproductive labor as an unrecognized foundation of capitalist economies. Through delicate prose, Rivaz constructs a subtle critique of patriarchal order and affirms sorority and writing as forms of resistance. By politicizing the everyday and giving voice to female experience, *La Paix des ruches* reaffirms its status as a central work in gender, literature, and subjectivity studies.

Keywords: Alice Rivaz; Feminism; Intimate Writing; Domestic Labor; Swiss Literature in French.

Resumen: Publicado en 1947, en un contexto suizo marcado por la desigualdad legal entre los sexos y décadas antes de la obtención del derecho al voto por parte de las mujeres, *La Paix des ruches*, de Alice Rivaz, desarrolla una narrativa



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Coimbra (Portugal)

ficcional que antecipa debates fundamentais do pensamento feminista contemporâneo. A menudo clasificada como diário íntimo, la novela consiste, en realidad, en un flujo continuo de reflexiones personales de la protagonista Jeanne Bornand, quien concilia el trabajo asalariado con el trabajo doméstico invisibilizado. Este artículo examina cómo la escritura íntima revela las tensiones entre subjetividad femenina, silenciamiento cotidiano y estructuras patriarcales, evidenciando la opresión del matrimonio tradicional y la sobrecarga emocional impuesta a las mujeres. La lectura crítica se apoya en los marcos teóricos de Simone de Beauvoir, especialmente en su formulación sobre inmanencia y trascendencia, y de Silvia Federici, a partir del concepto de trabajo reproductivo como fundamento no reconocido de las economías capitalistas. A través de una prosa delicada, Rivaz construye una crítica sutil al orden patriarcal y afirma la sororidad y la escritura como formas de resistencia. Al politizar lo cotidiano y dar voz a la experiencia femenina, *La Paix des ruches* reafirma su lugar como una obra central en los estudios de género, literatura y subjetividad.

Palabras clave: Alice Rivaz; feminismo; escritura íntima; trabajo doméstico; Literatura suiza de expresión francesa.

*Mais nous ne sommes pas des abeilles.
Nous regardons les hommes agir,
essayant de capter leur attention,
de les flatter pour mieux les retenir auprès de nous?*
(Rivaz, 2022).

Introdução

A publicação de *La Paix des ruches* em 1947, pela escritora suíça Alice Rivaz, marca um ponto de inflexão na literatura francófona ao trazer para o centro da narrativa questões até então secundarizadas: o espaço doméstico, o casamento sem reciprocidade, o trabalho emocional invisível e a construção subjetiva da mulher diante das normas patriarcais. Embora frequentemente descrito como um “diário íntimo”, o romance não apresenta datas, locais ou indicações cronológicas típicas do gênero. Na realidade, ele se configura como um monólogo interior contínuo da protagonista Jeanne Bornand e antecipa com notável precisão temas que seriam sistematizados pela teoria feminista nas décadas seguintes,

especialmente por Simone de Beauvoir e Silvia Federici. Sua publicação ocorre dois anos antes de *O Segundo Sexo* (1949), de Beauvoir, e quase três décadas antes da formulação conceitual do trabalho reprodutivo invisível por Federici.

Antes de escrever *La Paix des ruches*, Rivaz já havia ensaiado essa abordagem em *Présence des femmes*, ensaio no qual delineia sua inquietação com os papéis impostos à mulher e convoca uma voz feminina para expressar outra forma de apreensão do mundo. Como observa Françoise Fornerod (2015), o romance de 1947 constitui uma ilustração literária desse ensaio anterior, ainda que suas formulações se apoiem nos clichês do discurso dominante da época, como a oposição entre sensibilidade feminina e racionalidade masculina:

Avant La Paix des ruches, qui a été ressenti comme le texte le plus provocateur d'Alice Rivaz et qui le reste, il faut s'arrêter à l'essai "Présence des femmes", dont le roman de 1947 constitue l'illustration littéraire. On ne manque pas d'être frappé aujourd'hui par le caractère simplificateur de ses arguments, qui reprennent en fait les clichés du discours dominant de l'époque, dont celui opposant la rationalité masculine à la sensibilité féminine sur lequel se fonde la romancière lorsqu'elle appelle des voix pour exprimer une appréhension féminine du monde (Fornerod, 2015, p. 1009-1010)³.

Ao transformar esse diagnóstico ensaístico em ficção, Rivaz desloca o olhar da generalidade abstrata para a intimidade do cotidiano feminino, radicalizando sua crítica sem precisar nomeá-la diretamente. Embora reconhecida como pioneira da literatura feminista na Suíça, Alice Rivaz permanece pouco lida e praticamente desconhecida no Brasil, onde suas obras ainda não foram traduzidas. Sua recepção crítica restringe-se, em grande parte, a estudos europeus voltados à literatura francófona, o que torna a análise de *La Paix des ruches* especialmente relevante para os estudos de gênero e literatura no contexto

² “Mas nós não somos abelhas. Observamos os homens agir, tentando captar sua atenção, lisonjeando-os para melhor retê-los junto de nós” (tradução nossa).

³ “Antes de *La Paix des ruches*, que foi percebido como o texto mais provocador de Alice Rivaz e que continua sendo, é preciso deter-se no ensaio *Présence des femmes*, do qual o romance de 1947 constitui a ilustração literária. Não se pode deixar de notar, hoje, o caráter simplificador de seus argumentos, que na verdade retomam os clichês do discurso dominante da época, entre eles a oposição entre a racionalidade masculina e a sensibilidade feminina, sobre a qual a romancista se baseia ao convocar vozes para expressar uma apreensão feminina do mundo” (tradução nossa).

latino-americano. Nesse sentido, gostaríamos de contribuir para a ampliação do repertório crítico disponível em língua portuguesa, evidenciando a atualidade de uma autora que, embora invisibilizada nos circuitos editoriais hegemônicos, oferece um testemunho literário de grande densidade política e estética.

O romance emerge num contexto histórico marcado por fortes contradições. A Segunda Guerra Mundial havia terminado apenas dois anos antes e, embora a Suíça tenha permanecido oficialmente neutra, o país passou por mudanças sociais relevantes. Durante o conflito, parte significativa da população masculina foi mobilizada para o serviço de fronteira e defesa territorial; isso levou muitas mulheres a ocuparem temporariamente funções fora do lar, inclusive em setores industriais, agrícolas e administrativos.

Com o fim da guerra, no entanto, iniciou-se uma reação conservadora buscando restabelecer a ordem tradicional, relegando novamente às mulheres a função de esposas, mães e administradoras do lar. Na Suíça, essa ordem patriarcal era juridicamente sustentada pelo artigo 160 do *Zivilgesetzbuch* (Código Civil Suíço), em vigor até 1988, que declarava o marido "chefe da união conjugal", com autoridade legal sobre decisões relativas a moradia, finanças e contratos da esposa.

É nesse contexto de forte desigualdade que Alice Rivaz escreve. Sua protagonista, Jeanne Bornand, é uma mulher madura, que trabalha fora durante o dia, mas à noite se vê arrastada para uma segunda jornada invisível, não remunerada e emocionalmente desgastante. O romance não apenas retrata essa realidade: esse o diário íntimo permite que a personagem se aproprie da linguagem como um espaço de resistência e elaboração crítica.

Embora centrado em Jeanne, *La Paix des ruches* apresenta outras personagens femininas que ampliam a dimensão coletiva da opressão cotidiana, revelando experiências distintas, mas

atravessadas por expectativas normativas semelhantes. É o caso de Elisabeth, que, apesar de levar uma vida aparentemente "perfeita" (marido, filhos, estabilidade), manifesta o desejo de partir para reencontrar a si mesma e escapar da função que lhe foi imposta. Clara, por sua vez, carrega as marcas do abandono paterno e reflete sobre as desigualdades emocionais e simbólicas herdadas das mulheres de sua família.

Há também aquelas que, mesmo dentro do casamento, ousam buscar em outros amores uma forma provisória de compensação ou respiro. Já Sylvia, cuja trajetória culmina em suicídio, encarna de forma trágica a violência insuportável de estruturas afetivas que negam qualquer possibilidade de autonomia subjetiva. Essas histórias cruzadas enriquecem a narrativa e revelam que o drama de Jeanne não é isolado: ele ressoa em outras mulheres que enfrentam, cada uma a seu modo, os conflitos entre subjetividade, desejo e normas sociais opressivas.

La Paix des ruches constrói um universo simbólico denso, no qual a condição feminina é apresentada não como uma experiência isolada de Jeanne, mas como uma realidade coletiva compartilhada por várias personagens. Marianne Dyens (2024, p. 32) observa:

Quant aux personnages secondaires, Clara, Elisabeth, Marguerite et Sylvia, elles offrent une galerie de portraits dont l'évocation des sentiments et des réflexions illustrent différentes situations. Elles vivent des amours malheureuses, quoique rivales ou flouées, elles se retrouvent pourtant "sœurs" et solidaires. L'évocation de ces personnages, de leur destin, confère au roman une dimension qui dépasse le cadre personnel pour toucher à la condition féminine tout entier.

Essa galeria de mulheres — ligadas por experiências afetivas frustradas, pela solidão e pela solidariedade — prepara o terreno para a metáfora central do romance. A escolha do diário não é apenas uma questão estilística, mas uma decisão política. Ao escrever para si, em páginas que não têm pretensão de circulação pública, Jeanne

⁴ "Quanto às personagens secundárias, Clara, Elisabeth, Marguerite e Sylvia, elas compõem uma galeria de retratos cuja evocação dos sentimentos e reflexões ilustra diferentes situações. Vivem amores infelizes, e embora sejam rivais ou enganadas, reencontram-se como "irmãs" e solidárias. A evocação dessas personagens e de seus destinos confere ao romance uma dimensão que ultrapassa o plano pessoal para tocar a condição feminina como um todo" (tradução nossa).

conquista um "quarto próprio", espaço mental e simbólico em que pode refletir sobre os conflitos entre dever e desejo, repetição e criação, silêncio e palavra. Mais do que uma prática de registro, a escrita íntima torna-se o único território em que ela se reconhece como sujeito.

Em um ambiente no qual os familiares e o próprio marido parecem resignados às normas patriarcais e em que a conversa franca está ausente, Jeanne compreende que não há espaço real para interlocução. Ao contrário, sua tentativa de expressão é frequentemente recebida com indiferença. É nesse ambiente privado, mas intensamente político, que se revelam os mecanismos sutis de opressão: o cansaço, a ausência de escuta, o automatismo afetivo. Assim, a escrita íntima, ao mesmo tempo que registra, também transforma: é ao escrever que Jeanne começa a compreender sua condição.

É nesse ponto que se estabelece o diálogo com a teoria feminista. Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, propõe o conceito de "imanência" como a experiência de permanecer presa à repetição do cotidiano, aos cuidados da vida, sem acesso à transcendência, reservada historicamente aos homens: o espaço da criação, do projeto, da ação no mundo. Já Silvia Federici, com base em uma crítica marxista, identifica o trabalho reprodutivo como o pilar invisível do sistema capitalista: o cuidado, a limpeza, a manutenção da vida cotidiana garantem a força de trabalho, mas não são atividades reconhecidas como trabalho legítimo. Em *La Paix des ruches*, Rivaz antecipa essas duas formulações de forma literária por meio da vivência subjetiva de sua protagonista.

Este artigo tem como objetivo examinar, a partir da articulação entre literatura e teoria feminista, como Alice Rivaz evidencia o silenciamento das mulheres, denuncia a desvalorização do trabalho reprodutivo e propõe a sororidade e a escrita como caminhos de resistência. A metodologia consiste em uma leitura crítica e minuciosa do romance, alinhada a conceitos desenvolvidos por Beauvoir e Federici, a fim de mostrar que a obra de Rivaz não apenas antecipa categorias fundamentais, mas também propõe uma forma

estética capaz de dramatizá-las com sensibilidade e profundidade.

Além disso, ao recuperar uma obra pouco estudada no Brasil e pouco divulgada em língua portuguesa, esta análise também visa contribuir para o reconhecimento de uma voz feminina francófona do século XX cuja relevância permanece atual. A leitura de *La Paix des ruches* permite refletir sobre a permanência de formas de opressão que, embora transformadas em sua aparência, continuam operando por meio da sobrecarga emocional, da naturalização do cuidado e da precarização do tempo da mulher até a atualidade.

1 Quando o cotidiano aprisiona: Simone de Beauvoir e Silvia Federici

A força crítica de *La Paix des ruches* ganha densidade quando lida a partir de autoras que colocaram a experiência cotidiana das mulheres no centro da reflexão sobre liberdade, desigualdade e opressão. O que Alice Rivaz escreve, de forma literária e silenciosa, será nomeado com precisão filosófica e política por Simone de Beauvoir e Silvia Federici nas décadas seguintes. Ainda que distantes no tempo e na linguagem, há entre essas autoras uma interseção clara: todas denunciam como o espaço doméstico, o casamento e o cuidado se tornam formas sutis, mas profundas, de aprisionamento feminino.

1.1 Simone de Beauvoir

Em *O segundo sexo* (1949), Simone de Beauvoir observa que a mulher foi sistematicamente impedida de realizar sua liberdade de forma plena. Enquanto os homens são incentivados a se lançar no mundo, criar, transformar e deixar marcas, ou seja, a exercer sua transcendência, projetando-se para além do dado, a mulher é educada e conduzida à repetição, da rotina, do serviço e da abnegação. É a isso que Beauvoir chama de "imanência": um tempo que gira em círculo, sem começo nem fim e sem projeto. À mulher, não é permitido "tornar-se", pois ela está sempre a serviço de manter o que já existe.

Jeanne Bornand, protagonista do romance de

Rivaz, vive imersa nesse giro constante. Mesmo trabalhando fora, sua vida é consumida pela administração da casa, dos afetos, dos silêncios. Tudo precisa funcionar ao redor dela, mas nada gira a seu favor. Ela serve, organiza, sustenta e desaparece nesse processo. Beauvoir aponta que essa condição não é apenas prática, mas existencial:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (Beauvoir, 1970, p. 23).

Em *La Paix des ruches*, essa opressão imanente se revela não como evento trágico, mas como desgaste contínuo. A escrita íntima de Jeanne, ao registrar seus dias e inquietações, é talvez o único gesto de transcendência possível, um modo de recuperar a dimensão do projeto, ainda que silencioso. Rivaz demonstra, com precisão narrativa, que a experiência da mulher não é marcada pela ausência de reflexão, mas pela ausência de escuta. Escrever torna-se, nesse sentido, um ato de afirmação subjetiva, uma tentativa de reconectar-se a si mesma contra o fluxo do apagamento cotidiano.

O conceito de "transcendência", em Beauvoir, remete à capacidade de ultrapassar a facticidade e projetar-se como sujeito no mundo. Rivaz não representa essa projeção como conquista plena, mas como desejo contido. A autora ilumina as formas silenciosas pelas quais a imanência se instala: não pela violência explícita, mas pelo hábito, pela rotina, pelo que "sempre foi assim". Ao dramatizar a impossibilidade da transcendência na realidade de sua personagem, transforma o gesto ordinário da escrita em afirmação existencial.

1.2 Silvia Federici

Silvia Federici, em seus estudos sobre capitalismo e reprodução social, evidencia que a casa, muitas vezes idealizada como lugar de proteção, é, na verdade, um espaço de exploração sistemática do trabalho feminino. O que se chama de "amor", "cuidado" ou "dedicação" são, na prática, formas não reconhecidas de trabalho. Alimentar, limpar, sustentar emocionalmente, garantir que o outro funcione: tudo isso é exigido das mulheres, sem salário, sem descanso, sem nome.

Rivaz antecipa essa denúncia com delicadeza ficcional. Jeanne não apenas cumpre tarefas: ela existe para que o outro exista. Sua subjetividade está a serviço da manutenção da vida doméstica, como se sua presença só tivesse sentido na função de facilitadora do bem-estar alheio. Ela não tem tempo livre, nem sequer tempo próprio. O que a move não é desejo, mas expectativa. Como observa Federici:

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina (2019, p. 42).

Essa afirmação desestabiliza a separação entre esfera pública e privada, mostrando que o lar é, na verdade, um campo de produção vital ao sistema econômico, mas um campo no qual o trabalho é desvalorizado por ser naturalizado. Em *La Paix des ruches*, Jeanne representa essa mulher cuja vida é instrumentalizada sem que isso seja nomeado. Seu cansaço, sua perda de identidade, seu desejo de estar só: tudo aponta para uma condição estrutural, não pessoal.

O romance funciona como dramatização poética de uma crítica que Federici mais tarde formalizará com base na análise marxista e feminista do trabalho. A autora suíça, sem recorrer à teoria explícita, apresenta a precariedade subjetiva da mulher que vive para manter o mundo funcionando, mas que, em troca, não tem sequer o direito ao descanso, à escuta ou ao reconhecimento.

A literatura de Alice Rivaz, ao antecipar essas

reflexões, cumpre uma função crucial: tornar visível o que o discurso oficial invisibiliza. Seu romance não denuncia com *slogans*, mas com gestos: o prato servido em silêncio, a ausência de diálogo à mesa, o cansaço que não encontra nome. A centralidade da condição feminina em *La Paix des ruches* não se limita à trajetória individual de Jeanne, mas reflete uma preocupação mais ampla da autora com os dilemas enfrentados pelas mulheres em um sistema que naturaliza sua subordinação. Dyens (2024, p. 31) observa:

Alice Rivaz y aborde de front un sujet qui lui tient particulièrement à cœur, celui de la condition féminine, sujet qui transparaît en filigrane déjà dans Comme le sable et qu'elle aborde cette fois sous un angle différent. Elle met en scène une jeune femme, Jeanne Bornand, qui écrit son journal. Elle se rend à l'évidence, son mariage est un échec⁵.

Essa leitura reforça a intenção crítica da obra e evidencia como a escrita de Rivaz não apenas acompanha, mas antecipa importantes debates sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres, convertendo a experiência íntima de Jeanne em símbolo de uma condição coletiva. Enquanto Beauvoir analisa o impacto existencial da imanenência na vida das mulheres, Federici amplia essa crítica, mostrando como o cotidiano doméstico e reprodutivo sustenta um sistema econômico que se beneficia diretamente dessa situação. Rivaz dramatiza, na subjetividade de Jeanne, a interseção dessas duas dimensões: existencial e econômica.

2 Espaço doméstico como lugar de opressão

O espaço doméstico, socialmente idealizado como lugar de acolhimento e proteção, revela-se em *La Paix des ruches* como território de dissolução subjetiva e esvaziamento existencial.

Longe de oferecer refúgio, o lar impõe à mulher uma sobrecarga física, emocional e simbólica, exigindo dela silêncio, renúncia e uma presença funcional. Alice Rivaz desmonta, com precisão e delicadeza, o mito da "paz doméstica", ao mostrar como o cotidiano, longe de neutro, reproduz as formas mais profundas da dominação patriarcal.

Jeanne Bornand, protagonista e narradora do romance, experimenta esse apagamento em sua rotina. Ao trabalhar dentro e fora de casa, ela é absorvida por tarefas que exigem dela constante performance e zelo, mas nenhuma reciprocidade:

...J'ai travaillé plusieurs années à plein temps dans un bureau et qu'aujourd'hui je travaille chaque après-midi dans un office dactylographe. Quoi qu'il en soit ce sont des mains tachées, salies par la poussière ou le papier carbone. Et la lutte qu'il faut constamment soutenir pour leur redonner blancheur, netteté, c'est ce que savent les ménagères et mes camarades de bureau qui, pour la plupart, cumulent leur travail professionnel et celui de la maison une fois rentrées chez elles (Rivaz, 2022, p. 74)⁶.

Essa jornada dupla é agravada pela naturalização do trabalho doméstico como responsabilidade feminina. O esforço da mulher é invisibilizado, exigido como parte de sua identidade. Jeanne percebe que, enquanto ela acumula funções, seu marido pode escolher dedicar-se apenas ao que o diverte: "*Un homme, lui, n'a que son métier et s'il bricole à autre chose une fois sa journée d'atelier ou de bureau finie, c'est qu'il le veut bien et que cela l'amuse*" (Rivaz, 2022, p. 74)⁷.

Esse contraste revela uma divisão de gênero profundamente assimétrica na gestão do tempo e do cansaço. O lar não é vivido como espaço de descanso comum, mas como extensão do trabalho da mulher. Durante a refeição, por exemplo, Jeanne não consegue sequer sentar-se com tranquilidade: "*Mais une fois rentrée à la maison, comme lui, elle a dû préparer le repas, et durant*

⁵ "Alice Rivaz aborda de forma direta um tema que lhe é particularmente caro: a condição feminina, tema que já transparece, ainda que de forma sutil, em *Comme le sable*, e que ela trata desta vez sob um ângulo diferente. Ela põe em cena uma jovem mulher, Jeanne Bornand, que escreve seu diário. Ela se dá conta, com evidência, de que seu casamento é um fracasso" (tradução nossa).

⁶ "[...] pois trabalhei durante vários anos em tempo integral em um escritório, e atualmente trabalho todas as tardes em um serviço de datilografia. De todo modo, são mãos manchadas, sujas de poeira ou de papel carbono. E a luta constante para lhes devolver a brancura, a nitidez — isso é algo que conhecem bem as donas de casa e minhas colegas de escritório, que, em sua maioria, acumulam o trabalho profissional com as tarefas domésticas, assim que chegam em casa" (tradução nossa).

⁷ "Um homem, esse tem apenas seu ofício; e se faz algum reparo ou outra coisa depois do expediente no ateliê ou no escritório, é porque quer, porque isso o diverte" (tradução nossa).

le repas, se lever constamment pour servir son compagnon, courant du fourneau à la table, ayant à peine le temps de manger" (Rivaz, 2022, p. 75)⁸.

Federici chama a atenção para esse processo estrutural, no qual a esfera doméstica é organizada como espaço de produção não remunerada, sustentado pela exploração cotidiana da mulher. O lar, nessa lógica, é um território de extração silenciosa da energia feminina.

Também está claro que, na ausência de remuneração monetária, as mulheres encaram sérios obstáculos na tentativa de ganhar "independência econômica", sem mencionar o preço alto que pagam por isso: a incapacidade de escolher se querem filhos ou não, baixos salários e o peso de uma jornada dupla quando ingressam no mercado de trabalho (Federici, 2019, p. 89).

Mais adiante, Rivaz aprofunda essa denúncia mostrando como até o momento de descanso à noite continua marcado pelo dever: *"[...] Pour qui la fin de la journée ne marque pas celle du travail comme pour lui, pour qui la soirée à venir, une fois la vaisselle nettoyée, essuyée, remise en place, représente un certain nombre d'heures de raccommodage, de couture, de lavage indispensable"* (Rivaz, 2022, p. 76)⁹. A autora desnaturaliza o cotidiano ao iluminar a injustiça intrínseca na distribuição das tarefas e na falta de reconhecimento emocional. A queixa de Jeanne é clara:

Ce que nous n'aimons pas, c'est l'injustice. Ce qui nous révolte, c'est de n'avoir jamais de moments de loisirs, et cela à cause de lui qui se dit plus fort que nous, plus solide que nous, et prétend nous aimer, vouloir nous protéger ! Ce que nous n'aimons pas, c'est cette absence de solidarité entre nous, cette incorrection première dans la distribution des tâches journalières entre eux et nous (Rivaz, 2022, p. 77)¹⁰.

O lar se torna, assim, lugar de injustiça cotidiana e solidão. Ainda que a opressão não seja gritante, ela é constante, minuciosa, organizada em torno

da ideia de que a mulher deve tudo e espera pouco. Beauvoir (1970, p. 301) já havia descrito essa condição de apagamento subjetivo como uma das marcas centrais da opressão feminina: "Identificar a Mulher ao Altruísmo é garantir ao homem direitos absolutos à sua dedicação, é impor às mulheres um dever-ser categórico". Rivaz dramatiza essa equação por meio de gestos silenciosos e rotinas repetidas, tudo aquilo que, no dia a dia, consome sem alarde.

O resultado é uma subjetividade fragmentada, que só encontra algum alívio na presença de outras mulheres. Em meio a uma sociedade estruturada pela indiferença masculina, a solidariedade feminina surge como abrigo simbólico para a mulher: *"[...] je me plais mieux dans la compagnie des femmes que dans celle des hommes. Au près d'elles je respire plus facilement, je me sens en sécurité. Présence du connu, de l'éprouvé, des choses claires, tout mystère écarté"* (Rivaz, 2022, p. 84)¹¹.

A sororidade aparece aqui não como slogan, mas como necessidade de sobrevivência emocional. As mulheres de Rivaz se reconhecem no cansaço umas das outras, trocam confidências à margem, respiram aliviadas longe da presença dos homens. O lar, em sua versão idealizada, desaparece como promessa e se revela como campo de luta não nomeada.

3 Casamento e relações conjugais

Em *La Paix des ruches*, o casamento não aparece como realização afetiva ou pacto de igualdade. Ao contrário, ele se revela como um vínculo estruturalmente assimétrico, sustentado pela expectativa de que a mulher se molde, se sacrifique e se silencie em nome da estabilidade conjugal. A narrativa íntima de Jeanne Bornand, bem como os relatos das demais personagens femininas, expõe as fraturas emocionais, os silêncios for-

⁸ "Mas, uma vez de volta para casa, como ele, ela teve de preparar a refeição e, durante o jantar, levantar-se constantemente para servir o companheiro, correndo do fogão até a mesa, mal tendo tempo para comer" (tradução nossa).

⁹ "[...] para quem o fim do dia não marca o fim do trabalho como para ele, para quem a noite que se aproxima, uma vez a louça lavada, enxugada, guardada, representa um certo número de horas de remendo, costura, lavagem indispensável" (tradução nossa).

¹⁰ "O que não suportamos é a injustiça. O que nos revolta é nunca termos momentos de lazer — e isso por causa dele, que se diz mais forte do que nós, mais resistente do que nós, e ainda afirma que nos ama, que quer nos proteger! O que não suportamos é essa ausência de solidariedade entre nós e essa injustiça elementar na distribuição das tarefas diárias entre eles e nós" (tradução nossa).

¹¹ "[...] eu me sinto melhor na companhia das mulheres do que na dos homens. Perto delas, respiro com mais facilidade, sinto-me em segurança. Presença do que é conhecido, vivido, das coisas claras, todo mistério afastado

çados e a renúncia cotidiana que sustentam o ideal de matrimônio. Segundo Federici (2017, p. 184)

"O casamento era visto como a verdadeira carreira para uma mulher, e a incapacidade das mulheres de sobreviverem sozinhas era algo dado como tão certo que, quando uma mulher solteira tentava se assentar em um vilarejo, era expulsa, mesmo se ganhasse um salário".

Logo nas primeiras páginas, Jeanne confessa, com amargura contida: "*Je crois que je n'aime plus mon mari. Et dire que toute ma famille s' imagine que c'est l'homme de ma vie parce que pendant longtemps j'ai beaucoup peiné, travaillé pour lui, à cause de lui*" (Rivaz, 2022, p. 17)¹². O amor, antes exaltado como força transformadora, aparece aqui esvaziado, reduzido a um investimento unidirecional que não encontrou reciprocidade. O reconhecimento social está atrelado ao esforço e à dedicação feminina, ainda que isso custe a própria subjetividade.

Essa desigualdade emocional também se expressa nos gestos cotidianos. A mulher deve manter viva a relação, administrar o afeto e garantir o bem-estar do outro, mesmo à custa de si mesma: "*Des cartes qu'elle continue à jouer, parce qu'elle a vu que cela plaisait tant à l'autre, que c'était là une des moyens de le faire participer à ce culte qui est le sien, le culte d'elle-même, non à cause d'elle-même, mais à cause de l'amour*" (Rivaz, 2022, p. 37)¹³.

O "culto de si" é, na verdade, o culto ao outro: a mulher ama e se cuida não por ela, mas para ser amada como se a própria dignidade estivesse condicionada ao desejo masculino. Beauvoir (1967, p. 245) já havia diagnosticado essa alienação como uma das bases da opressão feminina:

Mas a desigualdade profunda vem do fato de que o homem se realiza concretamente

no trabalho ou na ação, ao passo que, para a esposa, enquanto esposa, a liberdade tem apenas um aspecto negativo [...]. Vimos que estas tinham a escolha entre dois tipos de conduta: umas perpetuavam o modo de vida e as virtudes das avós; outras passavam a vida numa agitação vã [...].

As personagens de Rivaz vivem essa negatividade como sufocamento afetivo. Mesmo quando há aparências de harmonia, o mal-estar é latente. Elisabeth, por exemplo, confessa seu desejo de desaparecer, de romper com tudo:

Pourtant, il y a deux ans Elisabeth voulut fuir son foyer, comme moi maintenant. Meme cet homme qui l'aimait à la dévotion lui était devenue une charge, un obstacle... à quoi? Je me souviens de nos conversations d'alors. Elle me racontait sa peine à supporter la présence des siens, celle de ses enfants, elle me répétait sans cesse comme je me le dis maintenant, mais tout bas:— Vois-tu, la seule chose qui me sauverait ce serait de partir. Tu comprends, partir loin d'ici, de ce ménage, de cette maison. Être seule... seule.... Une fois, enfin! Je ne suis plus moi-même, je besoin de me retrouver. Au fond je voudrais me séparer d'Éric et même des enfants. Être seule avec moi, longtemps. Après je crois que cela irait mieux (Rivaz, 2022, p. 44)¹⁴.

Esse desejo de solidão não é fuga, mas tentativa de reencontro com uma identidade sufocada pela função conjugal e materna. O casamento, nesse contexto, não é espaço de diálogo, mas de dissolução. O caso mais extremo é o de Sylvia, personagem que aparece no romance de forma elíptica, marcada por uma ausência definitiva: o suicídio. Sylvia não suportou a pressão cotidiana da vida conjugal, tampouco o papel que lhe foi imposto. Sua morte, embora não dramatizada, ecoa como alerta: há mulheres que não conseguem suportar a alienação prolongada sem consequências fatais. Rivaz sugere, com sutileza, que o que mata não é o gesto violento, mas a repetição sem saída.

Silvia Federici oferece uma leitura estrutural

¹² "Acho que não amo mais meu marido. E pensar que toda a minha família imagina que ele é o homem da minha vida, porque durante muito tempo me esforcei muito, trabalhei por ele, por causa dele" (tradução nossa).

¹³ "Cartas que ela continua a jogar, porque viu que isso agradava tanto ao outro, que era um dos meios de fazê-lo participar daquele culto que é o dela, o culto de si mesma, não por ela mesma, mas por causa do amor" (tradução nossa).

¹⁴ "No entanto, dois anos atrás, Elisabeth quis fugir de seu lar, como eu agora. Mesmo aquele homem que a amava com devoção havia se tornado para ela um fardo, um obstáculo... a quê? Lembro-me de nossas conversas daquela época. Ela me contava a dificuldade de suportar a presença dos seus, a dos filhos, e repetia sem cessar como eu me digo agora, mas em voz baixa: 'Veja, a única coisa que me salvaria seria partir. Você entende? Partir para longe daqui, desta casa, deste lar. Estar sozinha... sozinha... Uma vez, finalmente! Eu não sou mais eu mesma, preciso me reencontrar. No fundo, eu gostaria de me separar de Éric e até mesmo dos filhos. Estar sozinha comigo, por muito tempo. Depois, acho que tudo ficaria melhor'" (tradução nossa).

para esse tipo de sofrimento ao afirmar que a opressão não se restringe ao trabalho físico: "Nada sufoca tão efetivamente nossa vida quanto a transformação em trabalho das atividades e das relações que satisfazem nossos desejos" (2019, p. 11). O casamento, longe de ser o espaço do amor, torna-se o lugar da instrumentalização emocional da mulher.

O silêncio entre os casais reforça essa alienação. Jeanne descreve, em tom quase cômico, o incômodo que sente durante as refeições: "*J'éprouve un sentiment pénible, un peu comme si j'étouffais. Cela me rappelle trop mes repas en tête à tête avec Philippe. Lui non plus n'aime pas qu'on parle en mangeant. On dirait toujours qu'il craint de perdre un coup de fourchette*" (Rivaz, 2022, p. 64)¹⁵.

A hora do jantar, momento de troca em tantas famílias, é ali o símbolo da impossibilidade do diálogo. O cotidiano conjugal não é construído sobre a partilha, mas sobre o cumprimento de funções e o esvaziamento da linguagem. A desigualdade afetiva também aparece nas comparações entre casais. Jeanne observa que Elisabeth tem um "marido ideal", mesmo assim sofre. A crítica silenciosa aos papéis de gênero atravessa todas as relações:

Elisabeth a un mari adorable, un mari qui l'a toujours mise sur un piédestal, alors que le mien ne pose les yeux sur moi que-pour me critiquer. Et à la part la critique, il n'exprime rien, ne manifeste rien, n'a aucun égard et ne fait jamais le moindre effort pour me comprendre ou me donner la possibilité de le comprendre (Rivaz, 2022, p. 60)¹⁶.

Não basta estar em um casamento sem violência explícita: é preciso existir nele como sujeito. O "marido ideal" pode ser, na verdade, apenas outro tipo de idealização: aquele que transforma a mulher em objeto admirado, mas não escutado. O casamento é o campo no qual se concentram as forças silenciosas da opressão: a obrigação

de agradar, o silêncio imposto, o amor como obrigação, a maternidade como dever. A obra não oferece saídas fáceis. Mas, ao expor essas estruturas com precisão e empatia, Rivaz antecipa a crítica feminista ao amor romântico como dispositivo de apagamento subjetivo e nos lembra, com a morte de Sylvia, que há mulheres que simplesmente não conseguem sobreviver à espera de reciprocidade.

4 Subjetividade feminina e silêncio

O silêncio é uma presença constante em *La Paix des ruches*. Não o silêncio da contemplação ou da calma voluntária, mas aquele que se instala pela falta de escuta, pela repetição exaustiva dos gestos e pela impossibilidade de expressar a própria dor. Nas relações familiares e conjugais, as mulheres de Alice Rivaz aprendem a calar, não por ausência de pensamento, mas por não haver espaço simbólico em que suas palavras possam ser acolhidas e reconhecidas. É um silêncio estruturado, herdado e reproduzido, que molda a identidade feminina por meio da exclusão da linguagem.

A protagonista Jeanne vive esse silenciamento de forma visceral. O sentimento de sufocamento físico aparece como metáfora para uma opressão mais profunda: a impossibilidade de comunicar-se com verdade dentro da relação conjugal. Um dos momentos mais reveladores ocorre durante a descrição dos jantares com o marido, em que o silêncio à mesa é tratado como norma inquestionável:

J'éprouve un sentiment pénible, un peu comme si j'étouffais. Cela me rappelle trop mes repas en tête à tête avec Philippe. Lui non plus n'aime pas qu'on parle en mangeant. On dirait toujours qu'il craint de perdre un coup de fourchette. Et pourtant l'heure des repas pourrait être celle des échanges de réflexions entre époux. C'est ce que j'avais espéré du moins. Mais, dans ce pays, c'est souvent cette même atmosphère. Je l'ai constaté chez mes tantes, mes cousines,

¹⁵ "Sinto uma sensação incômoda, um pouco como se estivesse sufocando. Isso me lembra demais as refeições a sós com Philippe. Ele também não gosta que se fale durante as refeições. Parece sempre que tem medo de perder uma garfada" (tradução nossa).

¹⁶ "Elisabeth tem um marido adorável, um marido que sempre a colocou em um pedestal, enquanto o meu só lança os olhos sobre mim para me criticar. E, além da crítica, ele não expressa nada, não manifesta nada, não tem qualquer consideração e nunca faz o menor esforço para me compreender ou me dar a possibilidade de compreendê-lo" (tradução nossa).

chez plusieurs de mes amies mariées. Pour quoi? (Rivaz, 2022, p. 64)¹⁷.

Esse fragmento revela um padrão sociocultural que transcende o casal: o silêncio não é apenas conjugal, mas coletivo e feminino. Jeanne reconhece que o que vive não é exceção, mas parte de uma pedagogia herdada, um modelo relacional em que as mulheres são treinadas a se calar. A refeição, espaço simbólico de convivência e troca, torna-se um ritual mecânico, em que a fala não tem lugar. O silêncio, nesse caso, é resultado da exclusão sistemática do desejo e da subjetividade da mulher. Como observa Beauvoir (1967, p. 233), essa intimidade forçada, frequentemente celebrada como sinal de harmonia conjugal, pode esconder tensões profundas e afetos reprimidos:

Pretende-se por vezes que o próprio silêncio é sinal de uma intimidade mais profunda do que qualquer palavra; e por certo ninguém pensa em negar que a vida conjugal crie uma intimidade: é o que ocorre com todas as relações de família, que nem por isso deixam de cobrir ódios, ciúmes, rancores.

Esse apagamento subjetivo aparece também na fala de Clara sobre o pai. Sua presença ausente, sua "inadaptação" à vida familiar, revela como a figura masculina é muitas vezes legitimada mesmo quando falha em todas as esferas do cuidado:

C'était un inadapté, nous dit-elle. Puis un temps de réflexion: "Certainement un fantaisiste. Quand j'étais enfant, je ne comprenais pas. Plus tard j'ai compris. Il n'était pas fait pour la vie de famille, pour l'horaire régulier d'un ménage, d'un emploi. Il n'avait rien d'un mari, d'un père. Ce n'était pas de sa faute. Il ne se sentait heureux qu'au milieu de copains qui lui ressemblaient, ou bien tout seul à vadrouiller dans la nature. C'est pour cela qu'il nous a fuies... Du reste, ses dernières paroles sont révélatrices..." (Rivaz, 2022, p. 59)¹⁸.

A negligência afetiva masculina é romantizada, enquanto as mulheres seguem acumulando funções, sem direito ao cansaço, à falha ou à fuga. O silêncio é, assim, a outra face do cuidado compulsório. A mulher é educada para calar-se e doar-se, e qualquer tentativa de nomear sua dor é percebida como ameaça à ordem. A subjetividade, diante disso, não se desenvolve: se retrai, se adapta, se anula.

A acumulação desses silêncios – verbal, afetivo, estético – opera como estratégia de esvaziamento subjetivo. Jeanne, como muitas das personagens femininas de Rivaz, se vê cercada por exigências silenciosas: deve estar presente, ser atenta, discreta, útil e agradável, mas jamais nomear o próprio mal-estar. As palavras que não se dizem se acumulam no corpo, na rotina e no cansaço. A paz da casa, sugerida ironicamente no título do romance, depende dessa anulação contínua. Em *La Paix des ruches*, o silêncio é a forma mais eficaz de apagamento.

5 O corpo feminino e a vigilância estética

Esse silenciamento, que opera no plano da linguagem e da escuta, estende-se também ao corpo transformado em mais um território de controle simbólico. A vigilância estética imposta às mulheres aparece em *La Paix des ruches* como extensão da mesma lógica de apagamento da subjetividade. Jeanne reconhece que, mesmo no cuidado com a aparência, a mulher é capturada por uma exigência de perfeição constante: *"Mais une femme ne peut rien tolérer de laid sur elle sans souffrir, sans se sentir diminuée, elle qui a toujours eu partie liée avec la beauté du monde"* (Rivaz, 2022, p. 37)¹⁹.

No livro, o corpo da mulher não é apenas

¹⁷ "Sinto uma sensação desagradável, como se estivesse sufocando. Isso me lembra demais minhas refeições a dois com Philippe. Ele também não gosta que se fale durante as refeições. Parece sempre que tem medo de perder um movimento com o garfo. E, no entanto, a hora das refeições poderia ser um momento de troca de reflexões entre os cônjuges. Foi isso que eu esperava, ao menos. Mas, neste país, é frequentemente essa mesma atmosfera. Observei isso nas casas das minhas tias, das minhas primas, de várias das minhas amigas casadas. Por quê?" (tradução nossa).

¹⁸ "Ele era um inadaptado", disse-nos ela. Depois de uma pausa reflexiva: 'Certamente um sonhador. Quando eu era criança, não compreendia. Mais tarde, compreendi. Ele não foi feito para a vida em família, para a rotina regular de uma casa, de um emprego. Não tinha nada de um marido, de um pai. Não era culpa dele. Ele só se sentia feliz no meio de amigos que se parecessem com ele, ou então sozinho, vagando pela natureza. Foi por isso que nos deixou... Aliás, suas últimas palavras são reveladoras...' (tradução nossa).

¹⁹ "Mas uma mulher não pode tolerar nada de feio em si sem sofrer, sem se sentir diminuída ela, que sempre teve um pacto com a beleza do mundo" (tradução nossa).

presença física: é território político e simbólico de vigilância, controle e exigência constante. Alice Rivaz descreve, com precisão e sensibilidade, como o corpo feminino é capturado por normas estéticas e morais que delimitam o que pode ser visto, sentido e vivido. Não se trata de vaidade ou capricho, mas de um processo profundo de sujeição. A aparência torna-se critério de aceitação social e amorosa, e qualquer fissura estética é vivida como ameaça à própria existência simbólica.

Jeanne, a protagonista, reconhece essa coerção silenciosa, internalizada nas pequenas práticas cotidianas, nos olhares e nas ausências de resposta. A mulher, diz ela, não pode sequer tolerar o que é considerado feio em si mesma sem sentir dor ou inferioridade. O vínculo forçado entre a feminilidade e a beleza impõe à mulher uma lógica de autovigilância. Ela não é apenas observada: ela se observa, se regula, se corrige, como se estivesse sempre prestando contas a um olhar externo que determina seu valor.

Beauvoir (1970, p. 199) já havia identificado essa alienação estética como parte estrutural da opressão feminina: "O ideal da beleza feminina é variável; mas certas exigências permanecem constantes. Entre outras, exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída". A dedicação à aparência, nesse contexto, não é escolha: é imposição mascarada de ideal.

Silvia Federici, em *O Calibã e a bruxa*, oferece uma leitura histórica dessa disciplina dos corpos. Para ela, a transição ao capitalismo implicou não apenas o controle do tempo e do trabalho feminino, mas também a apropriação simbólica do corpo das mulheres, que passou a ser moldado segundo as necessidades do novo sistema econômico. A beleza feminina, longe de ser atributo natural, tornou-se um instrumento de obediência. Federici (2017, p. 32) escreve:

Em particular, as feministas colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo femi-

no, destacando que os corpos das mulheres constituíram os principais objetivos — lugares privilegiados — para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder.

Essa disciplina é visível no romance de Rivaz, em que o corpo da mulher é constantemente ameaçado pelo medo de não mais agradar, de não mais ser desejada, de se tornar invisível. A exigência estética funciona como forma de censura simbólica: envelhecer, adoecer ou simplesmente abandonar a maquiagem pode ser interpretado como falha moral. A aparência, assim, deixa de ser expressão e passa a ser imposição.

Ao revelar essa lógica de dominação simbólica, *La Paix des ruches* mostra que o corpo feminino não é apenas o que se vê: é aquilo que se cobra, se molda e se pune. A mulher deve ser sempre bela, silenciosa, útil e sua liberdade de existir fora desses moldes é percebida como desvio. O corpo, que poderia ser espaço de prazer e expressão, torna-se o campo no qual se desenrola a luta entre subjetividade e norma. O romance de Rivaz, ao dar voz a esse conflito, rompe o pacto de silêncio que sustenta a violência estética cotidiana e antecipa, com delicadeza, uma crítica que o feminismo tornaria central décadas mais tarde.

6 Escrita como prática de liberdade

Em *La Paix des ruches*, a escrita não ocupa um lugar neutro na vida da protagonista; para Jeanne Bornand, escrever é mais do que uma prática privada: é um ato de resistência silenciosa contra um cotidiano que a tenta apagar. O diário íntimo que ela mantém torna-se o único território no qual pode dizer "eu" sem mediações, sem censura direta, sem a exigência de se moldar às expectativas alheias. Trata-se de um espaço precário, porém profundamente político, pois nele Jeanne tenta recuperar sua própria escuta.

Esse gesto, no entanto, não é acolhido; o ambiente doméstico e conjugal transforma a escrita feminina em motivo de zombaria. O marido, sempre vigilante, reage com desdém e ironia quando a vê escrevendo, seja uma carta ou simples anotações. A personagem é chamada com

desprezo de "*Ma-da-mé-crit-son-journal*"²⁰, numa alusão caricata à futilidade suposta daquilo que escreve. No entanto, aqui trata-se de perceber a mulher como sua propriedade.

O desprezo do marido pela escrita íntima de Jeanne reflete o que Beauvoir (1967, p. 223) identifica como um imperialismo cotidiano nas relações conjugais, em que até mesmo a expressão mais íntima da mulher é controlada ou desqualificada.

O casamento incita o homem a um imperialismo capricho só: a tentativa de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe; entregar o filho à mãe, entregar a mulher ao marido é cultivar a tirania na terra; muitas vezes não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar: ele ordena, representa o papel de soberano (Beauvoir, 1967, p. 223).

A narrativa deixa claro que esse riso não é apenas individual, ele condensa um julgamento cultural mais amplo: a ideia de que a interioridade da mulher é irrelevante. A indignação de Jeanne diante disso revela-se em uma de suas reflexões mais contundentes:

Je me demandais ce qui serait arrivé si, au lieu de moi, c'était lui qui m'avait avoué qu'il écrivait "pour lui... Comme j'eusse été attentive, respectueuse de son travail ! jamais je n'aurais eu l'idée de me moquer de lui. Et je pense à certaines de mes amies dont les maris écrivent "pour eux", comme ils disent (Rivaz, 2022, p. 70)²¹.

Enquanto os homens têm o direito de escrever "para si", com liberdade e legitimidade social, a mulher que o faz é ridicularizada, tratada como pretensiosa ou frívola. A escrita de Jeanne é descreditada não pelo conteúdo, mas por ser exercida por uma mulher, e isso basta para torná-la suspeita. Esse julgamento afeta profundamente a narradora, que revela, de forma comovente, o peso simbólico dessa rejeição: "*Pourquoi une femme ne pourrait-elle écrire, elle aussi "pour elle", sans susciter la moquerie de son époux ?*" (Rivaz,

2022, p. 71)²².

Essa pergunta, lançada sem resposta mas com amargura, marca um ponto de virada: ao interrogar esse riso condescendente do marido, Jeanne nomeia a exclusão simbólica que recai sobre a mulher que ousa tomar a palavra. Escrever torna-se, então, mais do que um ato de elaboração subjetiva: é uma forma de insubmissão. O diário íntimo é seu "quarto próprio", em que pode pensar, lembrar, desejar e resistir ao esvaziamento que a rotina impõe.

A recusa de Jeanne em abandonar sua escrita, mesmo diante do escárnio, é um gesto silencioso de desobediência. Não há heroísmo, nem espetáculo, apenas a persistência em se escutar. Ela escreve não para publicar, mas para não desaparecer. E é justamente essa insistência na interioridade que desafia a lógica patriarcal do lar: um espaço onde tudo deve ser funcional, onde o tempo feminino pertence aos outros, onde a subjetividade da mulher é considerada um luxo dispensável.

Essa ridicularização da escrita feminina não ocorre apenas dentro da ficção, ela ecoa também na recepção crítica da obra. Como observa Fornerod (2015, p. 1010), o diário de Jeanne Bornand foi muitas vezes interpretado por críticos homens como um simples reflexo emocional de uma crise conjugal, o que permitiu que se desresponsabilizassem do conteúdo:

Le journal de Jeanne Bornand, la narratrice de La Paix des ruches, en est l'exacte illustration. Ses propos contre les hommes sont fondés sur des arguments d'ordre affectif liés à sa crise conjugale, ce qui a permis à certains critiques hommes de les justifier par des raisons psychologiques sans se sentir concernés. Constatant que le mariage a détruit l'amour dans son couple, elle incrimine l'incapacité des hommes, dont son mari lui apparaît comme un représentant typique, à comprendre, admettre et respecter la différence et la spécificité féminine (Fornerod, 2015, p. 1010)²³.

²⁰ "Ma-da-mé-escreve-seu-diário..." (tradução nossa).

²¹ "Eu me perguntava o que teria acontecido se, em vez de mim, fosse ele quem tivesse me confessado que escrevia 'para si'. Como eu teria sido atenta, respeitosa com seu trabalho! Jamais teria tido a ideia de zombar dele. E penso em algumas de minhas amigas cujos maridos escrevem 'para eles', como dizem" (tradução nossa).

²² "Por que uma mulher não poderia escrever, ela também, 'para si', sem despertar a zombaria de seu esposo?" (tradução nossa).

²³ "O diário de Jeanne Bornand, narradora de *La Paix des ruches*, é a ilustração exata disso. Seus comentários contra os homens baseiam-se em argumentos de ordem afetiva ligados à sua crise conjugal, o que permitiu a alguns críticos homens justificá-los com razões psicológicas, sem se sentirem implicados. Constatando que o casamento destruiu o amor em seu casal, ela atribui isso à incapacidade dos homens dos quais seu marido lhe parece um representante típico, de compreender, admitir e respeitar a diferença e a especificidade

Esse tipo de leitura reduz a complexidade da narrativa e tenta despolitizar a denúncia feita por Rivaz. Ao apresentar os sentimentos de Jeanne como supostamente "afetivos demais", esses discursos críticos reiteram exatamente aquilo que o romance combate: a desqualificação da subjetividade feminina como irracional ou secundária. Ao insistir em escrever, mesmo sob o risco de ser mal compreendida ou ridicularizada, Jeanne não apenas resiste à invisibilidade, mas contesta os critérios que definem o que é legítimo dizer.

Alice Rivaz constrói, nesse ponto, uma crítica sofisticada: a opressão cotidiana não se limita às tarefas ou às obrigações explícitas; ela opera também nos detalhes simbólicos como o direito de pensar e de escrever sem ser ridicularizada. Ao oferecer à sua personagem esse diário íntimo, a autora reivindica a escrita como espaço de existência autônoma, mesmo que precária. E, ao fazer isso, antecipa o gesto de tantas autoras feministas que, nas décadas seguintes, tomariam a palavra como forma de reescrever o mundo a partir de si.

7 Metáfora da colmeia

A força literária de *La Paix des ruches* não reside apenas no conteúdo temático, mas na maneira como a autora suíça estrutura simbolicamente a opressão. O romance é construído por meio de imagens recorrentes que, à medida que se acumulam, revelam uma crítica profunda à ordem social. A metáfora da colmeia, presente já no título, é a mais evidente e a mais irônica. A colmeia simboliza uma ordem na qual uma sociedade aparentemente estável é sustentada pelo sacrifício invisível de mulheres operárias sem voz.

A recusa de ser "abelha" inaugura a crítica. A sociedade das abelhas, altamente funcional, eficiente e hierárquica, serve como metáfora do sistema patriarcal: as mulheres trabalham, susten-

tam a ordem, são sacrificadas em silêncio. Mas, diferentemente das abelhas, os seres humanos têm consciência e, com ela, o sofrimento de perceber a injustiça. A própria estrutura da colmeia é descrita como um modelo de organização que depende da exclusão sistemática dos machos improdutivos:

La société des abeilles est bien plus ancienne et évoluée que celle des hommes. Qui sait par quels stades elles ont passé pour en arriver à cette organisation si parfaite de la vie et du travail ? Qui sait si une des conditions de cet état de perfection ne fut pas la mise hors-jeu, méthodique voulue et opérée, des mâles turbulents. Les sacrifier de toute façon une fois leur rôle de mâle rempli. Ceci afin que la ruche vive, prospère, continue (Rivaz, 2022, p. 92)²⁴.

Rivaz ironiza o ideal de perfeição baseado na eliminação simbólica dos sujeitos masculinos que não contribuem para o bem coletivo invertendo; assim, também o funcionamento da sociedade humana, em que a carga de trabalho recai sobre as mulheres e os homens permanecem no centro da ordem. A colmeia, nesse sentido, é espelho distorcido da vida social: organizada, mas injusta; harmoniosa, mas excludente.

Outra imagem recorrente é a da mulher sempre ativa, mesmo naquilo que deveria ser espaço de descanso. A repetição é, aqui, uma forma de anulação. Jeanne relata o ciclo interminável de tarefas que a impede de existir para além da função: "[...] pour qui la soirée à venir, une fois la vaisselle nettoyée, essuyée, remise en place, représente un certain nombre d'heures de raccommodage, de couture, de lavage indispensable" (Rivaz, 2022, p. 76)²⁵.

A rotina doméstica, longe de ser neutra, aparece como dispositivo de controle do tempo, do corpo e da subjetividade feminina. Não há pausa, nem espaço para o imprevisto. O trabalho reprodutivo ocupa todos os interstícios da vida. O corpo da mulher, por sua vez, é descrito

feminina" (tradução nossa).

²⁴ "A sociedade das abelhas é muito mais antiga e evoluída do que a dos homens. Quem sabe por quais estágios elas passaram até alcançar essa organização tão perfeita da vida e do trabalho? Quem sabe se uma das condições para esse estado de perfeição não foi justamente a exclusão, metódica, deliberada e executada, dos machos turbulentos? Sacrificá-los de qualquer forma, uma vez cumprido seu papel de macho tudo para que a colmeia viva, prospere e continue" (tradução nossa).

²⁵ "[...] ao final do dia, uma vez a louça lavada, enxuta e guardada, a noite representava várias horas de remendos, costura, lavagem indispensável" (tradução nossa).

como objeto de exigência estética constante. A aparência deve ser mantida impecável e qualquer falha se transforma em sofrimento interior: "*Mais une femme ne peut rien tolérer de laid sur elle sans souffrir, sans se sentir diminuée, elle qui a toujours eu partie liée avec la beauté du monde*" (Rivaz, 2022, p. 37)²⁶.

A identificação entre a mulher e a beleza naturaliza a exigência de perfeição. A personagem não tem o direito de falhar nem na aparência. O corpo feminino, longe de ser espaço de prazer, torna-se campo de batalha entre a expectativa social e a possibilidade de existência plena. A metáfora da colmeia e essas imagens secundárias, a repetição, o corpo vigiado, o silêncio ritual compõem o tecido simbólico do romance. Rivaz não oferece respostas: ela mostra; e, ao mostrar, desestabiliza. Cada imagem carrega um mundo de opressão em miniatura, e é justamente na soma silenciosa dessas miniaturas que o romance constrói sua força crítica.

Conclusão

Publicado em 1947, *La Paix des ruches* antecipa, com notável sensibilidade literária, debates que só seriam sistematizados décadas depois pelas teorias feministas. Ao construir um romance em forma de diário íntimo, Alice Rivaz dá voz a uma subjetividade feminina que resiste ao apagamento cotidiano. A protagonista, Jeanne Bornand, não grita nem confronta diretamente as estruturas que a oprimem, mas registra as pequenas violências e silêncios do cotidiano e, ao registrar, nomeia, analisa e expõe.

O espaço doméstico, longe de ser refúgio, aparece como lugar de dissolução da identidade; o casamento, como pacto assimétrico sustentado pela abnegação feminina; o silêncio, como linguagem imposta pela falta de escuta; e a escrita, como única possibilidade de afirmação do "eu" num mundo que exige a sua constante disponibilidade. A metáfora da colmeia atravessa todos esses núcleos: uma sociedade que parece funcionar com harmonia, mas cuja paz depende

da invisibilidade e do sacrifício de quem sustenta tudo em silêncio.

Ao articular essas dimensões com as reflexões de Simone de Beauvoir e Silvia Federici, este artigo procurou mostrar que a obra de Rivaz não apenas narra uma experiência de mulher: ela desvela uma estrutura de dominação que atua por meio da repetição, do afeto instrumentalizado e da negação simbólica da autonomia feminina. Sua crítica é sutil, mas contundente: está nas entrelinhas, nas lacunas, nos gestos pequenos que revelam grandes violências.

A incorporação do corpo como campo político e da estética como imposição normativa amplia ainda mais o alcance da crítica proposta pela autora. O romance não apenas denuncia a sobrecarga emocional, mas antecipa, com décadas de antecedência, um dos principais debates contemporâneos do feminismo: a chamada dupla jornada de trabalho, que combina emprego formal e dedicação integral às tarefas domésticas. Rivaz já reconhecia esse conflito de forma literária e precisa, muito antes que ele fosse teorizado por estudiosas como Federici, revelando o esgotamento simbólico e físico que acomete as mulheres ao serem colocadas em posição permanente de serviço e vigilância.

Apesar de sua força estética e política, a obra de Alice Rivaz segue pouco lida e raramente estudada no Brasil. Recuperá-la, analisá-la e traduzi-la criticamente é também um ato de resistência mediante a persistente marginalização de vozes femininas na história da literatura. *La Paix des ruches* não é apenas um romance sobre mulheres: é uma denúncia literária das formas silenciosas, mas estruturantes, de opressão que atravessam o cotidiano. Ao fazer do ordinário um campo de tensão e de resistência, ela reafirma o potencial transformador da literatura como memória, crítica e reinvenção. Ler sua obra, hoje, é um gesto não apenas de recuperação literária, mas de insurgência intelectual diante do apagamento histórico das vozes femininas; é reafirmar o lugar da literatura como espaço de memória,

²⁶ "Mas uma mulher não pode tolerar nada de feio em si sem sofrer, sem se sentir diminuída, ela que sempre teve parte ligada à beleza do mundo" (tradução nossa).

denúncia e invenção de novos modos de existir.

Ao recuperar criticamente a obra de Rivaz, este estudo reforça a persistente atualidade das questões femininas exploradas pela autora, mostrando como os temas da dupla jornada, da carga mental e da opressão simbólica (e outros) não apenas resistem ao tempo, mas permanecem centrais nos debates atuais.

Referências

ASSOCIATION ALICE RIVAZ. *Site officiel de l'écrivaine Alice Rivaz*. Disponível em: <https://www.alice-rivaz.ch>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: v. 1: Fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: v. 2: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CETTA, Toni. *Rivaz, Alice*. Dicionário Histórico da Suíça (DHS), versão de 14 maio 2024. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/016203/2024-05-14/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

DYENS, Marianne. *Alice Rivaz, l'écriture et la vie*. Infolio: Gollion, 2024.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Sílvia. *O ponto zero da revolução*: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FORNEROD, Françoise. Alice Rivaz. In: FRANCILLON, Roger (org.). *Histoire de la littérature en Suisse romande*. Genève : Éditions Zoé, 2015.

FRANCILLON, Roger (org.). *Histoire de la littérature en Suisse romande*. Genève : Éditions Zoé, 2015.

RIVAZ, Alice. *La paix des ruches*. Genève : Éditions Zoé, 2022.

Paola Karyne Azevedo Jochimsen

Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Coimbra (Portugal), com foco na Literatura periférica brasileira e sua relação com a filosofia. Possui um Master of Arts (M.A.) em Romanistik pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (Alemanha) e graduação em Francês pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Seus interesses de pesquisa incluem Estudos Pós/Decoloniais, Literatura Brasileira e Latino-Americana, Estudos Francófonos e Escrita Feminina, com ênfase em autoras suíças de expressão francesa.

Endereço para correspondência

PAOLA KARYNE AZEVEDO JOCHIMSEN

Instituto da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Largo Porta Férrea, 3000-370 Coimbra, Portugal

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.